

ANCHIETA EM COIMBRA – 450 ANOS – COLÉGIO DAS ARTES DA UNIVERSIDADE (1548–1998)

Ivana Bartíková

O Padre José de Anchieta, “canário de Coimbra”, o apóstolo do Brasil... A vida e a obra dele inspirou o Professor Sebastião Tavares de Pinho (Instituto de Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra) a organizar o Congresso Internacional em homenagem deste homem. O congresso teve lugar na cidade universitária de Coimbra nos dias 25–29 de Outubro de 1998. O programa das intervenções foi dividido em 16 sessões plenárias e 11 sessões simultâneas durante as quais apresentaram resultados das suas pesquisas os principais lusitanistas tanto portugueses como brasileiros, espanhóis ou de outros países.

Não foi por acaso que o congresso se deu precisamente no ano de 1998. Em Fevereiro de 1998 faz 450 anos da fundação do Colégio das Artes (Fevereiro de 1548) e em Outubro do mesmo ano faz 450 anos da chegada de José de Anchieta a Coimbra (Outubro de 1548).

José de Anchieta nasceu a 19 de Março de 1534 em La Laguna nas Ilhas Canárias. Embora fosse espanhol de origem, hoje em dia é considerado uma das pessoas mais importantes no período das primeiras manifestações da literatura brasileira. Isto não seria possível se previamente não tivesse estudado cinco anos no Colégio das Artes em Coimbra. Existem várias hipóteses a respeito do seu estudo em Portugal. Por que não estudou na Espanha, na Universidade de Salamanca ou na de Alcalá de Henares que naquela altura já eram famosas? Há teorias que sustentam que a causa do porquê o Anchieta estudou em Coimbra foi o sangue judeu que herdou da sua avó materna. O sangue judeu, de facto, podia ter impedido a sua entrada no campo académico tão famoso como o de Salamanca. Outra teoria supõe que o Colégio das Artes ganhou muita fama desde o início da sua existência (mais acima temos escrito que o Colégio foi fundado em Fevereiro e José de Anchieta começou a estudar nele em Outubro de 1548). Também o número de estudantes do Colégio era muito elevado (uns 1200 estudantes) desde os primeiros momentos da sua existência.

O autor da primeira intervenção no congresso, intitulada *El latín de José de Anchieta. Algunas consideraciones sobre el léxico*, Francisco González Luis da Universidade de La Laguna, refuta a teoria do problemático sangue judeu dado que existem documentos que confirmam os estudos dum irmão de Anchieta na Espanha. Conforme a opinião de González Luis, a segunda teoria será a razão mais provável para os estudos de Anchieta em Coimbra. Simplesmente, o Colégio das Artes estava “em voga” naquela altura. Américo da Costa Ramalho (Universidade de Coimbra), na intervenção *Ainda, Anchieta em Coimbra*,

explica que foi o seu irmão mais velho quem estudou na Espanha. José de Anchieta como o filho menor teve de se contentar com o Colégio das Artes em Coimbra.

Aos catorze anos, em 1548, Anchieta chegou com o seu irmão, Pedro Núñez, procedente do primeiro matrimónio da mãe dele, a Coimbra. Foi na época do auge do humanismo e do renascimento que influenciou também a educação. Segundo a intervenção *O ensino de gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes no tempo de Anchieta*, Eduardo de Almeida Navarro (Universidade de São Paulo) salienta que para uma pessoa ser culta já não era suficiente ser escolástico mas era imprescindível acrescentar aos estudos da cultura cristã e pagã a filologia, ou seja, o estudo do latim, do grego e do hebraico. O homem renascentista era o homem trilingue. No Colégio o jovem Anchieta aprendeu perfeitamente o português e obteve bons fundamentos para o seu futuro trabalho literário e linguístico. Era um dos melhores estudantes da poesia latina. Não somente pela procedência das Ilhas Canárias senão também pela habilidade que mostrava na composição dos versos, alcunhavam-no “canário”. Ainda estudando no Colégio, no dia 1º de Maio de 1551, Anchieta entrou na ordem dos jesuítas. Logo, em dois anos, adoeceu gravemente. A enfermidade curvou as costas do José causando-lhe umas dores incessantes. Felizmente chegou a saber que o clima do Brasil ajudava a curar muitas doenças e pediu uma missão evangelista no Brasil.

No ano de 1553, já no Brasil, começou-se uma nova etapa na vida cristã de Anchieta. O objectivo da vida do apóstolo do Brasil era a evangelização do povo indígena. Uma das principais preocupações dele era a aprendizagem da língua local que era uma das obrigações de todos os missionários jesuítas. A língua que Anchieta estudava era o tupi, a língua mais espalhada no litoral brasileiro. César Augusto dos Santos (Universidade de São Luís, São Paulo) na sua intervenção *Anchieta e cultura indígena* e Virgínia da Conceição Soares Pereira (Universidade do Minho) *Em torno da “Arte de Gramática” de Anchieta* chamam a atenção para o facto de Anchieta ter composto a gramática do tupi somente em seis meses. Esta pertence entre as mais importantes da sua época. Não foi destinada aos indígenas, era uma gramática contrastiva que supunha um alto nível do conhecimento do latim. Nesta obra Anchieta manifestou-se como linguista visto que introduziu nela termos como prefixo, dissílabo, polissílabo conforme confirma na sua intervenção Eduardo de Almeida Navarro. Comparando-a com outras gramáticas contemporâneas, chegou à conclusão de que o Padre Anchieta era “extremamente original”. Como referiu Virgínia Soares Pereira, o Padre Anchieta tinha uma “boa receita” para todos os estudantes da língua tupi. Chegava saber ler dos lábios, falar com as mãos e, nomeadamente, orar muito.

A sua obra evangélica e juntamente com ela também a obra literária é a mais significativa. No que se refere à sua actividade, o Padre Anchieta deparava-se com muitos obstáculos. O obstáculo principal era o facto de os índios não conhecerem conceitos como tentação nem pecado. Também as tradições dos índios tupi impressionaram desagradavelmente o jovem Anchieta. Poligamia, casamentos entre familiares, canibalismo... Então, como entregar a estas pessoas o evangelho, a boa nova?

No início da sua missão, Anchieta pensava que o único meio de salvação destes gentios era submetê-los à escravidão. Esta opinião de José de Anchieta comenta-a Giovanni Ricciardi (Instituto Universitário Oriental, Nápoles) na comunicação *Em torno do índio escravo, com um documento inédito do Padre Geral dos Jesuítas, Francisco de Borja, de*

1569. É preciso pensarmos que Anchieta adoptou esta postura vivendo entre os indígenas durante pouco tempo, no início da sua carreira missionária. Tempos depois aprendeu a amar o povo tupi e tornou-se defensor dele perante os colonos portugueses que chegavam para o Brasil. Compreendeu a maneira de como Jesus Cristo vê os gentios. Segundo refere Giovanni Ricciardi, os indígenas converteram-se no objecto de amor para o Anchieta. De repente era capaz de apaixonar-se por eles. Os índios não eram simples canibais, não comiam pessoas por fome senão por ser isto um ritual. A comunicação de Paulo Suess (Vice-presidente da Associação Internacional de Missionologia) *Anchieta e a alteridade indígena* esclarece os costumes antropofágicos dos nativos. Cuidavam bem dos cativos de guerra, alimentavam-nos e era frequente que o tempo entre a captura e a morte do prisioneiro contava-se a anos. Para os tupinambás o prisioneiro era como um deus. Os guerreiros sentiam-se honrados quando podiam esperar no cativeiro à morte. Estavam certos de que era muito melhor ser comido pelas pessoas do que ser devorado pelos vermes na tumba. Além disso acreditavam que os guerreiros valentes passariam após a morte à terra das almas em que não existe nenhum mal. Ao contrário, o pior era ser um guerreiro medroso, até as mulheres o desprezavam. Nas cartas do Padre Anchieta podemos ler descrições de rituais antropofágicos, como disse Bartolomeu Melià (Centro de Estudios Paraguanos “Antonio Guasch”, Asunción del Paraguay). As cartas comprovam que o autor vivia junto com os indígenas. Escreve-se nelas que matar um prisioneiro era uma festa. Quebrar-lhe o crânio de uma pancada era até mais importante do que o próprio acto de comer a vítima. O prisioneiro era inimigo e a antropofagia equivalia a um acto de vingança. Bartolomeu Melià refere que numa carta de 1566 Anchieta descrevia como um dia podia ter salvado a vida dum cativo se este se convertesse ao cristianismo. O cativo recusou, não queria ser covarde porque já tinha comido tantas pessoas que não seria oportuno salvar a sua própria vida.

Interessante foi também a intervenção de Ricardo Arthur Fitz (Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras) que analisava as influências da catequese na sociedade indígena. “Anchieta considerava a extirpação de tais costumes (antropofagia, poligamia) do seio das sociedades indígenas como condição necessária para a conversão religiosa. [...] A catequese significava, entre outras coisas, alterar as tradições da organização familiar indígena, particularmente aquelas embasadas na poligamia.”¹ Começou com a conversão das crianças que aprendiam facilmente a catequese. Isto, segundo as palavras de Ricardo Arthur Fitz, provocou um processo de profunda desagregação da sociedade indígena tradicional.

A arma poderosa da acção evangélica de Anchieta era o teatro como afirma Cleonice Berardinelli (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) na sua comunicação *Anchieta, o Brasil e a função catequética do seu teatro*. Mas por que Anchieta escolheu o teatro? O teatro tinha a ver com a sua capacidade de observar. Logo se apercebeu que os gestos, a dança e o canto constituíam uma característica integrante da vida dos índios. “Anchieta bebeu do teatro de Gil Vicente e de outros

¹ Fitz, Ricardo A. 1998. Trabalho missionário e desorganização social: uma leitura das cartas de Anchieta entre os índios brasileiros. In *Programa do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra 450 anos Colégio das Artes da Universidade*, ed. Sebastião Tavares de Pinho. Coimbra, p. 82.

teatrólogos. Porém, o ambiente de suas peças é o indígena com sua vida, suas crenças, suas danças, seus cantos e seus cerimoniais.”² Escreveu vários autos, doze em total. Apoiando-nos na intervenção de Cleonice Berardinelli vemos que dois autos eram trilingues, três bilingues e sete monolingues. Em oito autos se ouvia tupi, dado que eram destinados aos índios, português apareceu também em oito e espanhol em cinco deles. Dos autos de José de Anchieta destacam-se o *Auto da Visitação*, *Auto da Vila da Vitória*, *Auto de S. Lourenço*.

Outra obra de Anchieta que chamou muita atenção dos investigadores era *De gestis Mendi de Saa*. Trata-se dum poema épico, escrito em puro latim, exactamente histórico, “tendo por ponto alto o canto da civilização cristã na fundação das aldeias e a unificação do território brasileiro na expulsão dos Franceses”.³

Na poesia do autor destaca-se também a obra *De Beata Virgine Dei Matre Maria*, hoje em dia conhecida sob o nome *Poema da Virgem*, que é uma exaltação da Virgem Maria. Segundo José Alves Pires (Província Portuguesa da Companhia de Jesus e Universidade Católica Portuguesa) na intervenção *Anchieta – a relação vida/arte no poema “De Beata Virgine”*..., este poema meditativo, que se converteu no objecto de estudo de muitos investigadores do século XX, surgiu depois de muitas orações nas quais o autor pediu a Deus uma sabedoria especial. Os protagonistas são, como escreve Pe. Armando Cardoso, a Mãe de Deus, o seu Filho e o próprio Anchieta, representante de toda a humanidade pecadora e redimida.

Temos de mencionar a intervenção de Leodegário A. de Azevedo Filho (Universidade de Estado do Rio de Janeiro) *Anchieta e o advento do brasilianismo*. O brasilianismo é “um conjunto de estudos e teorias sobre o Brasil e a sua cultura. Parece não haver dúvida de que, na obra do Padre José de Anchieta, encontra-se a mais importante contribuição literária para o advento desses estudos”⁴ porque a obra de Anchieta “está cheia do Brasil”⁵.

Vale a pena mencionarmos também a comunicação *Anchieta, etnolinguista*, de Bernard Pottier (Universidade de Paris-Sorbonne, Instituto de França), que detalhadamente analisa a *Arte da Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. A língua tupi possuía somente cinco partes de oração, tinha uma sexta vogal que, segundo a opinião de Anchieta, deveria ser abandonada porque os índios eram os únicos que sabiam pronunciar-la, não oferecia a possibilidade de filosofar, havia nela um paralelismo da expressão do futuro e passado, talvez porque o tempo mais importante fosse o presente. Também Evanildo Cavalcante Becharra (Universidade do Estado de Rio de Janeiro), na intervenção *Sobre a influência das idéias linguísticas na “Arte da Gramática” de Anchieta* mostrou-se interessado no tupi elaborado por outros jesuítas. O livro sobre a língua tupi de José de Anchieta era sucessivamente aperfeiçoado por outros jesuítas graças à convivência com os índios.

² dos Santos, César A. 1998. Anchieta e cultura indígena. In *Programa do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra 450 anos Colégio das Artes da Universidade*, ed. Sebastião Tavares de Pinho. Coimbra. p. 35.

³ Cardoso, Armando. Pe. 1991. O Bem-Aventurado Anchieta. São Paulo. Ed. Loyola, p. 82.

⁴ Azevedo do Filho, Leodegário A. de. 1998. Anchieta e o advento do brasilianismo. In *Programa do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra 450 anos Colégio das Artes da Universidade*, ed. Sebastião Tavares de Pinho. Coimbra, p. 45.

⁵ ibidem, p. 48

O Padre Anchieta viveu no Brasil durante mais de 40 anos. A sua vida poderia servir de lição para todos nós. Era, pois, o exemplo da entrega total aos outros. Não foi uma estratégia, mas um grande e definitivo amor agápico. Com as palavras de César Augusto dos Santos, Anchieta fez-se brasileiro dentro do Brasil, a partir do Brasil. Por isso chamam-no hoje também “José do Brasil”.

Anchieta era um homem extraordinário. Revela-no-lo tanto a vida e a obra como o congresso que se deu em sua homenagem. Em Coimbra os lusitanistas mais insignes estudaram a obra e a vida dele de todos os ângulos. Segundo ouvimos nas intervenções do Congresso Internacional *Anchieta em Coimbra – 450 anos*, o Padre Anchieta era um grande homem de Deus. Toda a sua sabedoria, a sua obra literária e linguística eram para ele somente o meio da evangelização dos gentios, o meio de espalhar a boa nova. O exemplo dele, talvez, poderia levar-nos a pensar se a ciência se justifica no caso de se converter somente no objectivo e deixar de ser o meio...

**ZPRÁVA Z MEZINÁRODNÍHO KONGRESU
ANCHIETA V COIMBŘE – 450 LET ZALOŽENÍ COLÉGIA DAS ARTES
PŘI UNIVERZITĚ (1548–1998)**

Resumé

V tomto příspěvku jsme se snažili na základě přednášek předních lusitanistů přednesených na Mezinárodním kongresu v Coimbre přiblížit čtenářům osobnost, misijní a evangelizační činnost „Brazilského apoštola“, Josého de Anchiety.

**THE REPORT OF THE INTERNATIONAL CONGRESS
ANCHIETA IN COIMBRA – 450 YEARS OF THE COLLEGE OF ARTS
OF THE UNIVERSITY (1548–1998)**

Summary

The present article, based on the papers of renowned lusitanists presented to the International Congress, intends to inform the reader about the personality and missionary work of the “Apostle of Brasil”, José de Anchieta.

Ivana Bartíková
Katedra romanistiky FF UP
Křížkovského 10
CZ-771 80 OLOMOUC
República Checa